**ESCRITOS ANTIGOS: OS EVANGELHOS APÓCRIFOS NA LITERATURA CRISTÃ PRIMITIVA**

**PAULO DE TARSO VERAS PEREIRA**

Mestrando em Teologia

Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

Recife – PE

tarsoveras@yahoo.com.br

**RESUMO**

O artigo trata de escritos antigos denominados de Evangelhos Apócrifos, inclusos no rol da Literatura Cristã primitiva. O trabalho está baseado nos estudos desenvolvidos pelos autores teólogos Philipp Vielhauer e Ramón Trevijano sobre a temática aqui proposta. O texto tem introdução voltada para o entendimento do significado do termo “apócrifo” e a sua utilização pela Igreja primitiva. Já no desenvolvimento do artigo é analisado os vários aspectos referentes a história de cada um dos seis evangelhos, escolhidos pelo próprio articulista, por entender como os mais representativos. Aborda-se, assim, questões acerca da descoberta, do caráter literário, dos gêneros e, quando possível identificar, o teor teológico. O trabalho é concluído apontando-se a importância histórica para os pesquisadores da Igreja, porquanto fornecedores de informações valiosas sobre as tendências e costumes vivenciados na Igreja antiga.

**Palavras chaves**: Apócrifos, evangelhos, literatura.

**Abstract**:

The article deals with ancient writings called the Apocryphal Gospels, included in the roll of the primitive Christian Literature. The work is based on the studies developed by the theologian authors Philipp Vielhauer and Ramón Trevijano on the subject proposed here. The text has an introduction aimed at understanding the meaning of the term "apocryphal" and its use by the early Church. Already in the development of the article is analyzed the various aspects referring to the history of each of the six gospels, chosen by the writer himself, as the most representative. Thus, questions about the discovery, the literary character, the genres and, where possible, the theological content can be identified. The work is concluded by pointing out the historical importance for the Church's researchers, as they provide valuable information on the trends and customs experienced in the ancient Church.

**Key-words**: Apocryphas, gospel, literature.

1. **Introdução**

Este artigo tem por finalidade apresentar uma sugestão de leitura das narrativas dos Evangelhos Apócrifos por intermédio de sua colateralidade, em forma e situação, aos escritos neotestamentários legitimados pela autoridade Eclesial e, assim, descortinar mesmo que de maneira breve, um gênero complexo de produtos literários.

Ao longo de todo o texto, manteremos dialogo implícito com dois autores que se propuseram a estudar mais amiudamente a matéria em duas boas obras: Ramón Trevijano Etcheverría, em A Bíblia no Cristianismo Antigo: Pré-nicenos. Gnósticos. Apócrifos., aqui no Brasil incluso na coleção Introdução ao Estudo da Bíblia da editora Ave-Maria, volume 10, e Philipp Vielhauer, em História da Literatura Cristã Primitiva: Introdução ao Novo Testamento, aos apócrifos do Novo Testamento e os Pais Apostólicos, da Academia Cristã.

Não tinha que se imaginar, que após a escrita dos livros atribuídos aos quatros evangelistas, fosse vedada a produção de literatura análoga. Até porque a própria e longa indefinição do cânon do Novo Testamento contribuiu para o surgimento e divulgação dessas obras. Pode e deve-se, no entanto pensar, que antes da delimitação por parte da Igreja daqueles quatro evangelhos como textos sagrados, os demais escritos fossem aceitos pelas respectivas comunidades como evangelhos válidos e transmissores dos ensinamentos de Jesus Cristo.

Após a definição dos livros canônicos, a produção de evangelhos foi cessada e a literatura dita evangélica, considerada doravante, apócrifa, foi drasticamente destruída em sua quase totalidade. Daí se dispor, hoje, apenas de resíduos fragmentários. Segundo Vielhauer (2015, p. 642) esse tipo de material dificulta a verificação da estrutura e do caráter literário da obra como um todo e, por isso, não é possível analisar até onde um evangelho apócrifo apresenta “parentesco” com um evangelho ou outros precedentes, ou, ainda, se se trata de criação própria.

Mas, apesar do pouco disponível é inconteste a sua relevância histórica, porquanto, fornecedores de informações na construção do mosaico da Igreja primitiva, refletindo aspectos religiosos, usos e costumes daquela época. Nessa literatura estão inseridas as lendas cristãs mais antigas e os contos novelescos que obtiveram êxito em lugares variados por sua temática chamativa. Trevijano (2009, p. 299) ensina que a influência dessas obras – retocadas inclusive por eclesiásticos – perdurou por séculos, notadamente na Idade Média e que se encontram vestígios delas, por exemplo, “na pregação popular (*Sermonários*), na hagiografia (*Lenda dourada de Jacó de Voragine*), na poesia (*Divina Comédia*) e nas artes (pinturas renascentistas, iconografias e esculturas)”.

É bem verdade, que sob a égide da apologia, a Igreja sempre destacou as diferenças existentes entre a historiografia apócrifa e os livros canônicos do Novo Testamento, com o intuito, inclusive, de ressaltar a veracidade dos textos sagrados. Aqui, contudo, de se deixar que os evangelhos apócrifos narrem sua própria história.

1. **Desenvolvimento**

O entendimento da literatura apócrifa sempre pendeu para uma interpretação de cunho depreciativo ou carregada de sentidos duplos. A própria expressão “apócrifo” foi significada como sendo algo espúrio, inautêntico e até mesmo herético. Em sua obra, Trevijano (2009, p. 294) propõe uma descrição “clássica” e evolutiva desses sentidos:

1. secreto – inacessíveis ao uso pelo público comum da Igreja; não podiam ser conhecidos por todos; mantidos escondidos dos fiéis em geral e reservados aos iniciados; apareceu, no sec. II., série de livros “apócrifos” atribuídos a apóstolos e discípulos de Jesus Cristo;
2. falso – com a constatação da inveracidade dessas atribuições, o termo passou a ser percebido como inautêntico e rejeitado;
3. técnico – com o advento da literatura patrística surge um terceiro sentido, aqueles que por sua temática ou autoria foram colocados ao lado dos canônicos, com a denominação mais precisa de não-canônico.

De todo modo, o termo “apócrifo” termina por ser identificado, normalmente, com uma conotação pejorativa e sua vinculação relacionada a obras dúbias e lendárias. Nem por isso, os apócrifos neotestamentários deixaram de ter classificação diferenciada dos escritos do Novo Testamento, foram igualmente divididos em: Evangelhos, Atos, Cartas e Apocalipses.

Dentro do eixo temático do artigo, necessário se ater, aos evangelhos propriamente ditos. Um tanto quanto difícil é tentar estabelecer as motivações que deram origem aos evangelhos apócrifos. Mas, admite-se compreender, que possa se tratar de obras que, à parte dos sinóticos, tiveram acesso as mesmas antigas tradições. Tais escritos, por vezes, foram reelaborados por hereges com o intuito de dar credibilidade às suas doutrinas. Conforme Trevijano (2009, p.297), “a maioria dos evangelhos representam doutrinas peculiares heréticas e são obras destinadas a fazer propaganda das heresias”. Outros, foram idealizados com o fito de combater, justamente, as heresias e com tantas narrativas, impossível inibir o surgimento de exemplares lendários dos relatos históricos neotestamentários.

Antes de tentar classificá-los adequadamente, oportuno entender a formação desse gênero literário tão genuinamente cristão. Se convencionou como critério de inserção no *corpus* evangélico os escritos formados pela utilização, transmissão e interpretação das tradições de e sobre Jesus de Nazaré, canônicos ou não. A revelação, tanto no Judaísmo bíblico e no Cristianismo, se deu baseada em eventos históricos, fatos e palavras inicialmente interpretados oralmente e só depois por escrito. O anúncio de Jesus como cumprimento das Escrituras foi o fator determinante para a composição dos evangelhos cristãos primitivos. O pioneirismo de Marcos consistiu em escrever um evangelho composto por histórias sobre Deus atuando em Jesus e este nos homens. Evidenciou-se, assim, que o gênero evangélico atendia ao anseio de uma escritura distintivamente cristã. Trevijano (2009, p.341) diz que:

O gênero literário dos evangelhos, o querigma biográfico ou a biografia querigmática, é um fenômeno singular na literatura da Antiguidade tardia. Ficou restrito ao âmbito cristão e teve sua origem nas necessidades da pregação e do culto. Tomaram-se algumas formas literárias do mundo ambiente, tanto do helenístico como do judaico, mas os evangelhos em si são uma criação cristã.

Dada a fundamental importância que ocuparam os evangelhos canônicos no seio da Igreja, não de todo absurdo que surgissem escritos com a mesma denominação – apesar de diferentes em construção e conteúdo - no meios heréticos.

Agora, retomando a ideia de classificação dos evangelhos apócrifos, aceita-se, comumente, distribui-los em três grupos identificados: 1) os que acompanham a tradição sinótica, quer pela utilização de suas fontes, quer pelo uso dos canônicos, aqui incluso os Judeo-cristãos; 2) os que procuram completar os canônicos, notadamente com narrações sobre a infância e a paixão e 3) os fragmentos de evangelhos e os “ditos” de Jesus.

O exame dos documentos que se segue está determinada, primeiramente, pela tradição oral ou coleção de ditos (Evangelho de Tomé e o Evangelho dos Egípcios), depois pelo material narrativo dos fragmentos intitulados (Evangelho de Pedro) e por fim pelos evangelhos Judeo-cristãos (Nazarenos, Ebionitas e dos Hebreus). A lista fixada foi opção do próprio articulista, que defende tratar-se dos escritos mais representativos. As considerações abaixo expendidas amparam-se em Philipp Vielhauer (2015).

* 1. **O Evangelho de Tomé**

Descoberto em 1945/6 na cidade de Nag Hammadi no Egito, em um pequeno texto de não mais de 20 páginas que se revelou como “O Evangelho de Tomé” (= EvTo), despertou interesse por se tratar de um novo “evangelho” e de composição completa. Não contém narrativas sobre Jesus, mas, uma compilação de ditos de Jesus.

A datação do manuscrito remonta ao ano de 400 aproximadamente, no entanto, estudos paleográficos apontam ser, na realidade, uma cópia de original copta ainda mais antigo. Os editores dividiram o texto em 114 logia (ditos) de acordo com as fórmulas introdutórias: “Jesus disse” ou “Ele disse” e ainda, por vezes: “Os discípulos disseram”. Consta que alguns desses log. já circulavam desde meados do sec. II, assim, esse documento pode ter integrado material muito primitivo, quiçá espécie de versão oriental dos ditos “Q”.

Baseado no início do Evangelho: “Estas são as palavras secretas, ditas pelo Jesus vivo e que Dídimo Judas Tomé registrou” (grifo nosso), Vielhauer (2015, p. 650) entende que se poderia deduzir tratar-se “de uma instrução esotérica, e que Tomé exerce a função de portador e fiador dessa tradição secreta”. Alega, também, ser “controvertido se com o ‘Jesus vivo’ o autor tem em mente o Ressuscitado ou Jesus terreno”. Se for a primeira situação, o EvTo enquadrar-se-ia na “série de escritos revelacionistas gnósticos, ou seja, aqueles formados de diálogos entre Jesus e discípulos que transmitem ensinamentos secretos” e que é nesta categoria que o EvTo é costumeiramente enquadro. Mas, desenvolve seu raciocínio defendendo que a predicação “o vivo” significa o “que possui e doa a vida” e que nada no Evangelho aponta para uma “situação pós-pascal”, ao contrário, as situações existentes referem-se, todas, “à vida terrena de Jesus”. Ademais, a ausência das características de estilo observadas nos escritos revelacionistas, a exemplo da estruturação no modelo de perguntas e respostas, bem como a diferenciação quanto ao conteúdo das revelações secretas – acredita que são ditos codificados – leva-o a afirmar que: “o gênero do EvTo nada tem a ver com aqueles escritos revelacionistas gnósticos” mas, que, transmite de fato, “ditos que Jesus proferiu ou teria proferido durante sua vida terrena e é, nesse sentido, um paralelo a Q”.

Composto por coleções de origens diferenciadas, o EvTo contém em sua quase metade ditos que tem paralelos próximos aos dos sinóticos. A outra metade consiste em parte por “ágrafos” (ditos de Jesus que não constam nos evangelhos canônicos) conhecidos anteriormente e outros totalmente desconhecidos. Nesse grupo encontram-se ditos que poderiam constar nos sinóticos por forma e conteúdo e outros do tipo não-sinótico, cujo teor é claramente gnóstico. Para melhor percebê-los, toma-se exemplos citados em Trevijano (2009, p. 324):

1. Próximo aos sinóticos: “Jesus disse: Talvez os homens pensem que vim trazer a paz sobre o mundo. Não sabem que vim lançar divisões sobre a terra, fogo, espada, guerra. Com efeito, haverá cinco em uma casa; três estarão contra dois e dois contra três: o pai contra o filho e o filho contra o pai. Eles se manterão entre si como se fossem solitários” (log. 16); (alíneas e grifos nossos)

“Jesus disse: Àquele que tenha alguma coisa em sua mão, lhe será dado, mas daquele que não tem nada, o pouco que tem lhe será tirado” (log. 41);

1. Estilo aos dos sinóticos: “Jesus disse: Eu vos darei o que os olhos não viram e o que os ouvidos não ouviram e o que as mãos não tocaram e o que não subiu ao coração do homem” (log. 17);

“Jesus disse: Os fariseus e os escribas receberam as chaves do conhecimento e as esconderam. Eles não entraram e não deixaram entrar aqueles que queriam entrar; mas vós sede prudentes como as serpentes e inocentes como as pombas” (log. 39);

1. Criação gnóstica: “estes são os ditos secretos que Jesus, o Vivente, disse e escreveu Dídimo Judas Tomé. E disse: aquele que encontrar a interpretação dessas palavras não provará a morte” (log. 1);

“os discípulos perguntaram a Jesus: diz-nos como será o nosso fim. Jesus disse: o que conheceis em relação ao princípio para que estejais à procura do fim? Com efeito, onde se encontra o princípio aí estará também o fim. Feliz aquele que permanecer no princípio, pois há de conhecer o fim e não provará a morte” (log. 18).

Por ser amplamente estratificado, Vielhauer (2015, p 660) qualifica o EvTo como complexo e “por isso resiste a uma caracterização teológica”, da mesma maneira é inexistente uma “cristologia explícita”, mas, que o “significado salvífico de Jesus é inegável”, em que pese Jesus não ser “a pessoa histórica e, sim, o Revelador atemporal”. Assim, a salvação estaria oculta em suas ‘palavras secretas’ e para encontrá-las dependeriam de correta interpretação.

* 1. **O Evangelho dos Egípcios**

Descoberto no Egito por volta do início do sec. II, deve sua constituição a um grupo antigo de encratistas egípcios (abstinentes, pregavam o rigor e o domínio de si) e está intitulado de acordo com os seus usuários. A sua existência está bem atestada por testemunhos de Clemente de Alexandria, Orígenes e Hipólito, dentre outros, mas, de todo o seu conteúdo restaram apenas algumas citações por Clemente, que não possibilitam quaisquer conclusões quanto a estrutura da obra, senão pequenas pistas de características literárias e tendências teológicas.

Os fragmentos de Clemente que foram preservados, contém diálogos formulados em perguntas feitas pela discípula Salomé e respostas dadas por Jesus. Os questionamentos são esotéricos e geralmente referentes a temas escatológicos e antropológicos que tipificam o EvEg estilisticamente aos do diálogos gnósticos. Possíveis de percepção quer pela negação radical da sexualidade, quer pela rigorosa exigência de ascese sexual. Para melhor observar, se extrai citação contida em Vielhauer (2015, p. 690):

1. Negação da sexualidade: “Quando Salomé perguntou: ‘por quanto tempo a morte terá poder?’ o Senhor disse...:’enquanto vocês mulheres derem à luz’”. (alíneas e grifos nossos)
2. Ascese sexual: “Quando Salomé perguntou quando se há de reconhecer aquilo que ela perguntou, disse o Senhor: ‘Quando vocês calcarem aos pés o vestido da pudicícia e quando os dois se tornarem um e o masculino com o feminino, e quando não haverá nem masculino nem feminino’”.

Esses são dois dos seis fragmentos clementinos preservados, mostram uma tendência encrática que nada tem a ver com o Novo Testamento e a proclamação de Jesus, ou seja, pertence a esfera da gnose.

* 1. **O Evangelho de Pedro**

Descoberto em 1886/87, na sepultura de um monge cristão em Akhmim no Egito, foi divido em 60 versículos por A. Harnack e logo publicado em 1892. O achado foi muito comemorado, já que vinha confirmar as evidências existentes, de um EvPe na tradição da Igreja, por observações de Orígenes e Eusébio.

Trata-se um fragmento que contém a história da paixão e da ressureição. Por iniciar com uma cena já em andamento e ser concluído com frase incompleta, quer parecer, que o próprio copista não possuía texto mais amplo ou completo. Vielhauer (2015, p. 670) resume a cena inicial: “como ninguém dos judeus, nem o ‘rei Herodes’, nem alguém dentre ‘seus juízes’ quis lavar as mãos, Pilatos teria encerrado a sessão e Herodes teria dado a ordem para execução de Jesus”(1s). O relato pressupõe uma narrativa precedida acerca do interrogatório de Jesus. Já o final, incompleto, pressuponha-se de autoria do próprio Pedro: “Eu, porém, Simão Pedro e André meu irmão, pegamos nossas redes e fomos ao mar, estava conosco Levi, o filho de Alfeu ao qual o Senhor...”(59). De se destacar no fragmento, sob o ponto de vista literário, o surgimento do “eu”, visto que expressão semelhante não é encontrada nos Evangelhos mais antigos, levando-se a crer que o EvPe é um produto relativamente tardio.

Segundo Vielhauer, o grande ato da crucificação (10-20) guarda traços coincidentes com os relatos dos Evangelhos canônicos, ele destaca, porém, duas singularidades importantes: a primeira, referente ao completo silêncio de Jesus durante todo o desenrolar dos acontecimentos: “Ele, porém, silenciou, como se não sentisse nenhuma dor” (10) e, a segunda, quanto ao teor da exclamação de Jesus no momento da morte: “Força minha, força minha, tu me abandonaste” (19).

Na sequência narrativa, repletas de minuciosidades, denota-se o interesse do autor do EvPe pela ressureição de Jesus. De se checar a perícope, transcrita de Vielhauer (2015, p.671):

“fez-se ouvir uma voz alta no céu 36. e viram o céu aberto, e dois homens descendo de lá numa intensa luz e aproximaram-se da sepultura. 37. Aquela pedra, que fora colocada na entrada de sepultura, começou a rolar por si mesma e se afastou para o lado, a sepultura se abriu e os dois jovens entraram. 38. Quando aqueles soldados viram isso, acordaram o comandante e os anciãos – pois também esses estavam presentes na vigília – 39. E enquanto contavam o que havia acontecido, veem saindo de novo da sepultura três homens e os dois apoiando aquele outro, e seguindo-lhes uma cruz 40. e viram a cabeça dos dois alcançarem até o céu, mas a cabeça do que era guiado por eles pela mão passando além dos céus. 41. E ouviram uma voz do céu clamando: ‘Pregaste aos falecidos?’, 42. e da cruz soou a resposta: ‘Sim’.43. Aqueles agora ponderaram entre si irem para contarem isso a Pilatos. 44. E enquanto ainda deliberavam, vê-se novamente o céu se abrindo e um homem descendo e entrando na sepultura”.

Lamenta-se, não se pode deduzir acerca do caráter teológico do EvPe pelo aqui visto do fragmento preservado, a não ser alguma tendência para o miraculoso e mitológico, como não se tem, também, a possibilidade de mensurar seus efeitos históricos.

* 1. **O Evangelho dos Nazarenos**

O lugar do descobrimento é incerto, mas pode ter como indicativo a região da Beréia celessíria (Alepo), local onde o EvNa estava em uso entre cristãos judaicos de fala aramaica ou síria, na época de Epifânio e Jerônimo. Por isso, inclusive, poder-se-ia datá-lo para o início do sec. II.

O EvNa não tinha um título definido, era identificado por perífrases: “o Evangelho usado pelos nazarenos”, estes, por sua vez, não tinham necessidade de formalidades denominativas, já que o único Evangelho usado. A propósito, Epifânio e Jerônimo mencionam um Evangelho redigido em língua semita que estava em uso pelos nazarenos.

Em volume e caráter literário, se enquadra no tipo sinótico, dada a sua semelhança com o Evangelho de Mateus, principalmente, quanto as narrativas que vão da tentação até a paixão. Historicamente, o EvNa em seu todo, carrega impressão secundária em relação a Mateus. Segundo Vielhauer (2015, p. 679), o EvNa não deve ser entendido como uma retradução do Evangelho de Mateus, em função das “ampliações novelísticas, novas formações, reduções e correções”. Afirma, ainda, que “literariamente o EvNa poderia ser caracterizado como reprodução no estilo *targum* do Mateus canônico”.

Desperta a atenção a história do jovem rico, já que no EvNa são dois os jovens ricos e não um só, como em Mt 19,16-24, – interessante notar que Mateus duplica a figura dos cegos em 20,30 – cada um deles dialoga com Jesus, mas, preservada somente a conversa com o segundo, que é transcrita conforme Vielhauer (2009, p. 678):

Como podes dizer: cumpri a Lei e os Profetas? Ora, na Lei está escrito: ama a teu próximo como a ti mesmo; e eis que muitos de teus irmãos, filhos de Abraão, estão emporcalhados de sujeira e morrem de fome e tua casa está repleta de muitos bens, e nada sai dela para eles!”

Da mesma maneira verificada no EvPe, aqui, também, não se pode extrair dos fragmentos conservados quaisquer deduções opinativas quanto a linha teológica específica.

* 1. **Evangelho dos Ebionitas**

Descoberto, presumivelmente, na metade do sec. II., em local de surgimento incerto, tem como indicativo a Transjordânia vez que local da sede central dos Ebionitas.

A exemplo do EvNa, Epifânio relata a utilização, pela seita judaica-cristã dos ebionitas, de um Evangelho que se configurava em espécie similar reduzida e mutilada de Mateus, razão esta, que o diferenciava em relação ao usado pelos nazarenos em versão semita completa.

O que assegura a existência do EvEbion são os fragmentos das sete citações feitas por Epifânio. Apesar do reduzido número é possível indicar traços literários e teológicos. A familiaridade com os três sinóticos, sem preferências individualizadas, tendem a mostrar um texto de origem mista do tipo sinótico. Sempre, segundo Vielhauer (2015, p. 681), o EvEbion começa com a descrição do Batista, portanto, sem pré-história, ou relatos da infância e conclui com as cenas da paixão e páscoa. Tendo em conta essa dependência dos sinóticos, deve ter sido escrito em grego.

Bem interessante é a narrativa da vocação dos apóstolos, reproduzida, a seguir, da fonte acima referenciada:

Apareceu em público certo homem, de nome Jesus, mais ou menos trinta anos, que nos escolheu. E quando chegou a Cafarnaum, entrou na casa de Simão, que tinha o cognome Pedro, abriu sua boca e disse: quando ia andando à beira do lado de Tiberíades, escolhi João e Tiago, os filhos de Zebedeu, e Simão e André, e Tadeu e Simão, o zelote, e Judas, o iscariotes, e chamei a ti, Mateus, que estavas sentado na alfândega, e tu me seguistes. Agora quero de vocês que sejam doze apóstolos, para testemunho de Israel.

Vielhauer pede atenção para duas peculiaridades estilísticas reveladas no texto: a narrativa da vocação sendo realizada pelo Jesus, “emoldurada por um relato dos apóstolos no estilo ‘nós’”. Que esse detalhe do “nós” evidencia a tentativa de se colocar o EvEbion “sob a autoridade dos doze apóstolos e provavelmente se quer caracterizar Mateus como seu autor”. Diz, por último, que a citação final da perícope indica o caráter cristão-judaico do Evangelho.

**2.6** **Evangelho dos Hebreus**

 Pela razão de ter sido utilizado pelos judeu-cristãos egípcios e no Egito, também, denominado, presume-se que foi lá que surgiu em meados do sec. II., assevera, igualmente, a teoria, o fato de que as suas duas principais testemunhas serem os alexandrinos Clemente e Orígenes.

Dentre os evangelhos Judeo-cristãos, o EvHb é o mais citado e o único detentor de um título fixo, caracterizado não por sua língua, mas, por seus usuários. Não transparecem parentesco com quaisquer dos evangelhos canônicos. Apresenta, no entanto, elementos sincretistas gnósticos que definem o caráter herético dos seus utilizadores.

O Espírito Santo é reconhecido com a Mãe de Jesus, encarnação da potência celeste e o mesmo Espirito identificado com o Arcanjo Miguel, conforme as informações constantes no início do livro. De se verificar o texto, segundo versão contida em Vielhauer (2015, p. 684):

Quando Cristo quis vir à terra para junto dos homens, o Deus-Pai escolheu no céu uma força poderosa, chamada Miguel, e confiou Cristo a seus cuidados. E a força veio ao mundo e foi chamada Maria, e Cristo esteve em seu ventre por sete meses.

Outra passagem a ser destacada é a aparição do Ressuscitado a Tiago, exposta, a seguir, da mesma fonte indicada acima:

Quando, porém, o Senhor havia entregado ao servo do sacerdote o pano de linho, dirigiu-se a Tiago e lhe apareceu. Pois Tiago tinha jurado que não mais comeria pão desde a hora em que havia bebido do cálice do Senhor, até que o visse ressurgido dentre os mortos. E logo depois disse o Senhor: tragam uma mesa com pão! E imediatamente é acrescentado: ele tomou o pão e partiu e o deu a Tiago, o Justo, e lhe disse: meu irmão, come teu pão, pois o Filho do Homem ressurgiu dentre os mortos”.

Vielhauer entende, que se trata de uma lenda pessoal independente, uma vez que o escopo da perícope é a absolvição de Tiago do seu voto de abstinência e, não, a realidade da ressureição. Diz, ainda, que o relato da ceia se tratava de uma lenda “etiológica cúltica que foi transformada em lenda pessoal para a glorificação de Tiago”. Por isso, enquadra o EvHb em um cristianismo judaico de cunho teológico singular, em que o elemento mais conhecido é o papel de Tiago e que a sua posição destacada na comunidade primitiva “o torna a primeira e mais importante testemunha ocular da ressureição. Contudo, essa posição não é fundamentada historicamente, mas, mitologicamente”. Daí deduzir que a concepção teológica do EvHb pertence a um judaísmo cristão fortemente gnóstico-mitológico.

1. **Conclusão**

A literatura apócrifa envolve escritos literários que foram tradicionalmente entendidos como produtos de imitação bíblica, quer pela compilação dos seus enredos, quer pela utilização de pseudonímia a personagens bíblicos.

Os escritos apócrifos circularam em grupos esotéricos como livros secretos, abolidos do uso público da Igreja e reconhecidos como falsos. A divulgação se fazia em semelhança a dos livros canônicos. Podiam ser distinguidos entre os que eram impulsionados pela propagação herética e aqueles desejosos de suprir as lacunas e omissões dos relatos canônicos, com intenções, quiçá, virtuosas.

O uso de fontes comuns ou a própria dependência literária fez com que alguns evangelhos apócrifos fossem relacionados com os canônicos, especialmente os Judeo-cristãos, pelo conteúdo e orientação teológica. As tradições evangélicas e os escritos evangélicos possuem sementes tanto da heresia como da ortodoxia. Segundo Trevijano (2009, p.299): “somente o preconceito dogmático pode afirmar que os escritos canônicos tem ligação exclusiva com a origem apostólica e que, portanto, possuem prioridade histórica”. Diz, na sequência, que a diferença central fica na inserção do cânon:

A canonicidade é uma decisão da Igreja. Em que lugar se deve reconhecer a verdade como uma Escritura canônica é um elemento fundamental da economia cristã, na qual a verdade passa por um testemunho que se junta a uma recepção ativa e produtora. A verdade proposta pelo Cristianismo é irredutível e intrinsecamente histórica.

 Hoje, se reconhece que essas obras são da maior importância para os historiadores eclesiais e, como mencionado no início deste artigo, fornecedores de informações valiosas sobre as tendências e costumes que adornaram a Igreja primitiva.

1. **Referências**

TREVIJANO, Etcheverría Ramón. **A Bíblia no Cristianismo Antigo: pré-nicenos, gnósticos, apócrifos.** São Paulo: Ave Maria, 2009. (Introdução ao estudo da Bíblia; v.10).

VIELHAUER, Philipp. **História da Literatura Cristã Primitiva: Introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos do Novo Testamento e os Pais Apostólicos.** Santo André-SP: Academia Cristã, 2015.